

A dimensão temporal na poesia grega

Silvia Damasceno

Résumé

Ce travail a pour but d'étudier la signification du temps en la poésie grecque.

Os textos literários gregos enfocam, em maior ou menor medida, dentre os temas recorrentes, a vulnerabilidade e a limitação da condição humana. Os humanos, aprisionados pelo tempo e irremediavelmente sofrendo a ação decorrente dele, limitados pela morte, contrapõem-se aos deuses, em tudo semelhante aos mortais, mas que jamais sofrerão desgastes do tempo ou os efeitos de *thánatos*.

O discurso famoso do coro de Antígona, situado no primeiro *estásimo* da peça homônima (SÓFOCLES. *Antígona*. vv. 332-364), enumera as conquistas do homem, a quem o coro denomina *deinós* — espantoso — por ter vencido muitos limites, dentre os quais destacam-se os ventos, os mares, assim como ter aprendido a impor o jugo à terra, mediante o emprego do arado. Apesar de o ser humano ter realizado todos esses feitos grandiosos, como enfatiza o coro, o homem não conseguiu ultrapassar a suprema barreira — a morte. Acorrentado ao tempo, o mortal não pode vencê-lo, ainda que tentasse, e cumpre sempre seu destino de viver cada dia, até que Átropos cumpra sua tarefa — cortar o fio da vida. Assim sendo, viver se nos apresenta como a tarefa de Sísifo, com a diferença de haver *thánatos* para a raça humana.

A noção de tempo, a oposição entre o tempo de vida dos mortais e o tempo eterno, próprio da divindade, podem ser percebidas pela própria maneira de nomear essas duas dimensões temporais opostas: o tempo próprio do homem denomina-se *chrónos*, ao passo que aquele em que vivem os deuses é conhecido por tempo *aión*, isto é, “tempo longo e indeterminado”. O termo *aión* pode significar “força vital, duração, eternidade”, tanto em Homero quanto em jônico-ático, mas a partir dos filósofos, como em Platão (PLATÃO. *Timeu*. 37d) passa a opor-se a *chrónos*, sendo então

traduzido por vida eterna. Em Suplicantes, (ÉSQUILO. *Suplicantes*. vv. 574), Ésquilo emprega *aión* com sentido de “tempo inesgotável”, referindo-se ao tempo de vida de Zeus. Nessa passagem da peça, o coro composto das Danaides suplicantes implora ajuda ao pai dos deuses. Lê-se: *Di' aionos kreón apaústou* — Zeus quem reina num reino que não se interrompe jamais. Uma outra passagem de um texto trágico enfatiza a grande diferença entre o mundo humano e o mundo dos deuses, ou seja, a temporalidade e a eternidade.

Em Prometeu Acorrentado, a personagem Poder, depois de assistir a Hefesto acorrentar Prometeu ao rochedo, por ter o Titã roubado o fogo para dá-lo aos humanos, diz a Prometeu: *'Entautha nun ubrizei Kai theon gera sylon ephemeroisi prostitheí'* — Agora sê soberbo e rouba o privilégio dos deuses para dar aos efêmeros! (ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. vv. 82-83). Poder não consegue entender por que Prometeu enfrenta e afronta o Pai dos deuses, e conseqüentemente suporta um castigo terrível com o objetivo único de dar o fogo do conhecimento a seres que duram tão pouco. Que importância poderia ter para os imortais amenizar a vida de entes humanos? Para eles, os homens são seres que vivem um só dia, como tão bem exprime o termo *ephemeroisi*.

Os primeiros textos poéticos gregos já reconhecem a curta duração da vida dos homens, lamentam a ação do tempo que degenera o corpo e alma, mas referem-se a personagens para quem o tempo não passa da mesma maneira como sucede com o homem comum: os heróis e as heroínas épicos. Dentro da raça perecível dos humanos, esses não parecem sofrer o desgaste físico e mental da mesma maneira que o restante da humanidade, ou melhor dizendo, a dimensão temporal é outra, como se pode perceber na Odisséia: depois de ficar vinte anos fora de Ítaca, Odisseu mesmo combalido pelas agruras por que passou, ainda é capaz de seduzir Nausica, pois a donzela ao deparar-se com o herói numa praia, desmaiado e combalido, pensa ter encontrado o noivo sonhado. O mesmo Odisseu ao voltar para Ítaca, demonstra ter o vigor idêntico ao do passado, maior do que o do filho Telêmaco, ao conseguir dobrar o arco sem que nenhum pretendente pudesse executar a façanha, ganhando assim a contenda. Heróis e heroínas épicos, entre outros aspectos, distinguem-se do humano comum, pois vivem em um tempo diferente e ao perecerem na morte, continuam sempre lembrados pelo Kléos. Helena, quando visitada por Telêmaco, possuía a mesma beleza e sedução responsáveis por levar os gregos e troianos à morte. E Penélope, cortejada pelos pretendentes durante 20 anos, mantinha o mesmo frescor e beleza de antes.

Os textos poéticos colocam outros personagens numa dimensão temporal diferente: os adivinhos e os videntes. Para esses personagens, alguns cegos, como Tirésias ou Calcas, o tempo mostra-se ininterrupto, não seqüenciado em passado, presente e futuro. Para eles, para quem a realidade constitui um todo, torna-se evidente a lei de causa e efeito, pois esses personagens sabem de antemão o que determinados procedimentos humanos irão desencadear. Estes seres, também situados entre a divindade e a raça dos mortais, não conhecem o bálsamo ou lenitivo do esquecimento — o que representa um *phármakon* — pois se em alguns momentos, a lembrança pode trazer benefício, lembrar de todas as experiências vividas seguramente não constitui um bem.

Na tragédia Agamêmnon, cujo herói trágico, evidentemente, é o Atrida, chefe de todos os gregos no cerco a Tróia, uma figura trágica ocupa um papel relevante: a princesa tebana Cassandra. Condenada por Apolo a proferir discurso profético desprovido de credibilidade, ao chegar ao palácio de Agamêmnon percebe os fatos temporais misturados, devido à sucessão de assassinatos, até que, estabelecendo a seqüência temporal, assiste ao seu próprio assassinato. Assim fala a princesa:

“Ototooi, popoi! Dã! Apolo! Apolo! — Apolo! Apolo! deus dos dois caminhos! Apolo, tu que me perdes, aonde me trouxeste? A que morada? Ah! Dize antes a uma casa odiada pelos deuses, cúmplice de crimes inumeráveis, de matanças, de cabeças degoladas, matadouro humano encharcado em sangue.

.....

Ah! Eu creio nestes testemunhos: aquelas criancinhas a chorar sob a faca, e suas carnes assadas devoradas pelo pai.

.....

Ah! Miserável, ousas fazer isso? Banhas o esposo que partilha teu leito e — como direi o desfecho? — vai acontecer depressa: dois braços, um depois outro, se estendem para ferir!”

Numa mistura de passado e presente:

“Ai! Catástrofe! Catástrofe de minha cidade para sempre perdida! Ah! Hecatombes dos animais de nossos prados que meu pai imolava para salvar nossas muralhas! De nada valeu o remédio: não impediu que a cidade sofresse seu destino. Quanto a mim, com o coração a arder, vou me abater no chão!”

(ÉSQUILO. *Oréstia* vv. 115 et ss.)

O sofrimento de Cassandra leva-a a parecer tomada de mania. Embora, mortal, não desfruta do benefício do esquecimento e por isso, todos

os fatos se unem em sua mente, ao entrar em transe apolíneo. Além disso, em suas profecias não existe credibilidade. Cassandra profere discursos vazios, palavras vãs, que só adquirem sentido após os fatos se realizarem. O passado ajuda a construir o sentido de verdade em suas palavras, mas, novamente como a incredibilidade se instaura.

Conceber seres, ainda que mortais, sofrendo de modo diferente a ação do tempo, significa, ainda que no nível simbólico, algo que o ser humano repetirá sempre: tentar, de múltiplas maneiras, manipular o tempo, não se deixar passivamente arruinar (*ollumi*) por ele, lutar bravamente contra sua ação.

Penélope, o arquétipo da esposa fiel, assim o faz. Segundo o pretendente Antino (HOMERO. *Odisséia*. vv. 100 et ss.), a culpa de os pretendentes estarem dissipando os bens de Ulisses só deve recair sobre Penélope, pois ela, não escolhendo um esposo, postergando a resposta, ilude a cada um deles com uma esperança, durante algum tempo. A seguir, dizendo acreditar na morte de Ulisses, ela inicia a tecelagem de uma mortalha, ao fim da qual — segundo ela — escolherá o noivo. No entanto, descobriu-se que tecia durante o dia e destecia durante a noite. Penélope, tal como senhora do tempo, não deseja simplesmente retê-lo ou apressá-lo. O que busca fazer, no entanto, é manipulá-lo a seu bel-prazer: em suas ações, deseja uma dimensão temporal para o crescimento de Telêmaco; outra, necessária para a volta de Odisseu, que obrigatoriamente não pode ser a mesma: outra ainda, para manter os pretendentes entretidos, aguardando sua decisão final. Percebe-se que a *métis* muda de mãos: nesse momento não é Odisseu o que engana com discursos, mas sua esposa. Penélope tece com palavras a teia do engano, do ardil, tecendo os vários caminhos dos tempo para que seu marido, Odisseu, retorne. Não sendo mais possível dominar o tempo pela fala, Penélope passa a tecer, no sentido próprio do termo, mas também instaurando novos sentidos ao vocábulo, isto é, o sentido figurado perdura, com novas significações: tece uma mortalha de dia, destece durante a noite, enganando os pretendentes, mas também arrogando a si o direito e o poder de manter intacto o fio da vida. Com o discurso e a arte, Penélope engana os pretendentes e afasta a moira — *átropos*. O verbo que aparece no verso 104 do canto II é *hyphaino*, usado na forma iterativa do imperfeito — falar que por si só dá a idéia de continuidade da ação — continuidade ressaltada Hyphainesco.

Além de conceber uma dimensão temporal distinta para deuses e heróis, os gregos representavam o tempo de forma circular. Hesíodo, poeta-pastor, que viveu em torno de 750 a.C. no poema *Os Trabalhos e os Dias*, explica a origem e a necessidade do trabalho, bem como das dores e

doenças, através do mito dos metais. A primeira raça era de ouro e os homens, feitos desse material, viviam junto com os deuses, misturados com eles, ao abrigo das dores, sem precisar trabalhar. A terra produzia tudo para eles., não havia velhice e morrer era semelhante a dormir. Mas aos poucos, os metais vão-se sucedendo, numa escala descendente de qualidade, assim como vai-se deteriorando a qualidade da vida humana, até chegar-se à Idade do Ferro, em que está situado Hesfodo. As principais características dessa fase, além de o homem necessitar buscar seu sustento com seu esforço, consiste na ausência de justiça e na velhice. E diz Hesíodo, nos versos 173-174 do poema: “Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça mais cedo tivesse morrido ou nascido mais tarde” (HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. vv. 173-174).

Ao tentar explicar a degeneração da raça humana, usando o mito dos metais, em proporção de decadência, Hesfodo tenta explicar por que, no momento em que vive, imperam a decadência e a injustiça. Se o mundo foi estabelecido por Zeus, senhor da justiça e da ordem, há que se tentar entender a razão de tamanha decadência do universo. Só a sucessão de metais explicaria tamanha degeneração da humanidade. Hesíodo, ao que tudo indica, era um pastor da Beócia, e para alguém acostumado a orientar-se pela sucessão dos dias e das noites, bem como das estações do ano, a concepção de um tempo circular é esperada. Percebe-se que a circularidade do tempo não impede, a juízo de Hesíodo, o homem de sofrer as agruras da velhice, a degeneração, ao mesmo tempo que possibilita à volta à idade do ouro. A consciência da precariedade da existência humana, anunciada nos textos homéricos, fortalece-se, intensifica-se a partir do apogeu do lirismo.

Assim Donald Schüller caracteriza esse período literário, em *Literatura Grega*, 33-34: “O sujeito, aprisionado até aqui pela objetividade de epopéia, emerge tanto na poesia como na filosofia, quase ao mesmo tempo.” Nesse período, chamado arcaico, desmorona o mundo mítico em que se apóia a epopéia. Os deuses se distanciam. Sua existência já não é evidente como nos tempos de Homero. Se preservados, enfrentam severas objeções que lhes alteram profundamente o caráter. Retraindo-se como distantes ideais de justiça, não se lhes consente a presença na vida cotidiana, onde o homem se debate com as conseqüências do desamparo.

Embora o que os filólogos alexandrinos rotulem como lirismo não corresponda ao que modernamente entendemos como tal, dentro desse gênero, encontram-se obras que indubitavelmente contêm o gérmen do lirismo moderno. Sobretudo, o poeta lírico volta-se para o momento presente, tem urgência em viver a vida, nada do outro possível lado da exis-

tência lhe interessa. O momento presente existe. Ouçamos um poema muito conhecido e comentado escrito por Mimnermo, poeta jônio originário de Colófon, e que viveu em torno de 600 a.C.

“O que é a vida? O que é bom longe de esplêndida Afrodite?

*Quero morrer, quando cessar a fome
dos segredos do amor, dos suaves favores do leito —
estas e não outras são as flores da juventude
de homens e mulheres. Sobrevindo dolorosa
a velhice, deformadora de homens formosos,
cuidados amargos roem as entranhas
cessa a alegria da luz solar*

Vem a repulsa dos jovens e o desprezo das mulheres.

Amarga fizeram a velhice os deuses.”

(Trad. SCHÜLER, 1972)

Essa temática se repete, isto é, o medo do homem ante o tempo, e sua impossibilidade de fugir ao seu próprio destino, à sua moira. Deplora-se o presente, se nele reside a velhice, e conseqüentemente, a ausência de amor. No entanto, o mesmo Mimnermo, fr. 20 B, diz:

“Vamos! Se tu crês ainda em mim, expulsa esse pensamento!

Reconhece que o que eu digo é melhor do que o que dizes!

Muda de opinião, Ligiastade (cantor melodioso) Canta assim então;

Que a morte me atinja aos 80 anos.”

(Trad. SCHÜLER, 1972)

A épica também nos fornece um exemplo positivo da velhice, na figura de Nestor; mas será o velho ateniense Sólon, legislador e poeta, que escreverá sobre o benefício da velhice no fragmento 18, Berk, muito repetido pelos antigos e citado por Platão (PLATÃO. *República* VII 536 d, LACHES, 188b. 189a). “Estou envelhecendo, sempre aprendendo muitas coisas.” Muitos séculos se passaram até Einstein descobrir ser o tempo apenas uma dimensão tal como a altura e a largura, mas não se refere a fórmula para detê-lo.

Desde a Grécia até o presente, poetas de todas as épocas sempre expressaram a angústia do ser humano ante a marcha do tempo e muitos buscaram, tal Penélope, fios com que tecessem um outro desenho de modo a iludir *Átropos*. O poeta Mário Lago parece ter conseguido, se não dominar o tempo, pelo menos uma proposta conciliatória: “Consegui uma coexistência pacífica com o tempo: nem ele me persegue, nem fujo dele. Um dia a gente se encontra.”

Documentação textual

ESCHILE. *Agamemnon*. Trad. de Paul Mazon. Paris, Les Belles Lettres, 1949.

_____. *Les Suppliantes*. Trad. de Paul Mazon. Paris, Les Belles Lettres, 1953

HOMERE. *L'Odyssée*. Trad. de Victor Berard. Paris, Les Belles Lettres, 1946.

HÉSIODE. *Les Travaux et les Jours*. Paris, Les Belles Lettres, 1967.

PLATÃO. *A República*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

_____. *Laches*. Trad. de Dies. Paris, Les Belles Lettres, 1953.

Bibliografia

SCHÜLER, Donald. *Aspectos Estruturais na Ilíada*. Porto Alegre, 1972.

_____. *Literatura Grega*. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1985.